

GEOGRAFIA EXISTENCIAL: ENTOSFERA, ONTOSFERA E NADOSFERA

Jahan Natanael Domingos Lopes¹ 

Destaques:

- Articulação entre existir e existência na ontologia geográfica.
- Epistemologia da geosfera em ente, ser e nada.
- Compreensão da realidade (entosférica), mundanidade (ontosférica) e nadidade (nadosférica).
- Classificação das geosferas na geografia existencial.
- Prospecção das interrelações acerca da Terra (ente), do Mundo (ser) e do Universo (nada).

Resumo: À busca de compreender a totalidade geográfica, analisaram-se três categorias – entes, seres e nada – situando-as enquanto entosfera, ontosfera e nadosfera. Para tanto, utilizou-se da hermenêutica, fenomenologia e, sobretudo, da ontologia para aprofundar a epistemologia da geosfera no percalço de uma geografia existencial, rumo ao existir de todos os entes, inclusive daqueles portadores da existência. Assim, posicionaram-se a Terra (ôntica), ente, o Mundo (ontológico), seu ser, e o Universo (ôntico-ontológico), o nada. Entende-se a entosfera enquanto fundamento da realidade, sendo a Terra; suspensa em Mundo em duas etapas da consciência na suspensão: do mundo circundante (ao ser-no-mundo) e do Mundo (pelo mundo-no-ser). Nisso, a ontosfera é constituída em mundanidade, sendo que a entosfera constante modifica a ontosfera e a ontosfera constante modifica a entosfera. Toma-se, por fim, a nadosfera, restrita ao conhecimento humano que, pela consciência – histórica, em memórias e projetiva, em intenções – angustia-se na projeção em liberdade, nadificando o Mundo suspendendo ao Universo, a nadidade, que penetra o Mundo e a Terra. Com isso, tece-se uma geografia existencial, prospectando fundamentar uma epistemologia e metodologia.

Palavras-chave: Pensamento geográfico; Ontologia; Fenomenologia; Geosfera.

EXISTENTIAL GEOGRAPHY: ENTOSPHERE, ONTOSPHERE AND NADOSPHERE

Abstract: In order to understand the geographic totality, three categories were analyzed – entities, beings and nothing – situating them as an enteosphere, onthosphere and nadosphere. For this purpose, hermeneutics, phenomenology and, above all, ontology were used to deepen the epistemology of the geosphere in the mishap of a existential geography, to the existence of all entities, including those bearers of existence. Thus, the Earth (ontic), the world (ontological), its being, and the Universe (ontic-ontological), the nothings were positioned. The entosphere is understood as the foundation of reality, and the Earth; suspended in the World in two stages of consciousness in suspension: of the surrounding world (to be-in-the-world) and the world (by the world-in-the-being). In this, the onthosphere is constituted in

¹ Graduando da licenciatura e bacharelado em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: jahan_natanael@hotmail.com

worldliness, and the constant ennosphere modifies the onthosphere and the constant onthosphere modifies the entheosphere. Finally, the nadosphere is taken, restricted to human knowledge that, by consciousness – historical, in memories and projective, in intentions – it distresses itself in the projection in freedom, naditing the world suspending the Universe, the nadity, which penetrates the world and the Earth. With this, an existential geography is woven, prospecting based on an epistemology and methodology.

Keywords: Geographic thinking; Ontology; Phenomenology; Geospheres.

GEOGRAFÍA EXISTENCIAL: ENTOSFERA, ONTOSFERA Y NADOSFERA

Resumen: En un intento por comprender la totalidad geográfica, se analizaron tres categorías – seres, seres y nada – ubicándolos como entosfera, ontosfera y nadosfera. Para eso, utilizamos la hermenéutica, la fenomenología y, sobre todo, la ontología para profundizar en la epistemología de la geosfera en el percance de una geografía existencial, hacia la existencia de todos los seres, incluidos los que llevan la existencia. Así se posicionaron la Tierra (óntico), el ser, el Mundo (ontológico), su ser, y el Universo (óntico-ontológico), la nada. La entosfera se entiende como el fundamento de la realidad, estando la Tierra; suspendida en el Mundo en dos etapas de conciencia en suspensión: del mundo circundante (al ser-en-el-mundo) y del Mundo (por el mundo-en-el-mundo). ser). En esto, la ontosfera se constituye en mundaneidad, la entosfera constante modificando la ontosfera y la ontosfera constante modificando la entosfera. Finalmente, se toma la nadosfera, restringida al conocimiento humano que, a través de la conciencia -histórica, en la memoria y proyectiva, en las intenciones- angustia en la proyección en libertad, nadificando el Mundo al suspender el Universo, la nada, que penetra en el Mundo y la Tierra. . Con esto se teje una geografía existencial, buscando fundamentar una epistemología y una metodología.

Palabras clave: Pensamiento geográfico; Ontología; Fenomenología; Geosferas.

INTRODUÇÃO

*Necessário é o dizer que o ente é; pois é ser, e nada não é.
(Parmênides, 1989, p. 88)*

Colocar-se-á, em debate, a posição geográfica quanto aos entes, seres e o nada. Dessa maneira, posicionar-se-á cada qual em uma esfera a fim de compreender a totalidade geográfica a partir dessas três categorias. Para tanto, à guisa de preâmbulo, os encaminhamentos acerca do que se entende acerca das categorias citadas e da noção de geosfera deverão ser justapostos para dimensioná-las. Com esta finalidade, utilizar-se-á uma perspectiva de ontologia fenomenológica à busca de uma geografia existencial. Diferencia-se, neste trabalho, a geografia existencial de geografia existencialista por não visar apenas à existência humana, mas ao existir de todos os entes na suspensão de seres, ainda que o do humano tenha um destaque. Com isso, apresenta-se uma linha

aberta ao existir ainda que contemple, privilegiadamente, a existência. Rumo à ontologia fenomenológica geográfica, alicerça-se ao passo que:

O existencialismo ao aporte da fenomenologia, nesse sentido, nos revela com clareza o que desejamos, isto é, para uma geografia existencialista que busca: as possibilidades do conhecimento a partir de cada indivíduo num constante transcender-se (consciência-mundo). Falar sobre estes aspectos é a possibilidade de ação efetiva de compreensão da vida mundana e das condições subjetivas dos indivíduos e seu autoconhecimento (FERREIRA, 2013, p. 169).

Na leitura de Heidegger (2015, p. 39), tem-se firmado que “‘ser’ não é um ente”, caminhando contra a terminologia ontológica clássica, em especial a das escolas do medievo europeu: tomistas e escotistas. O autor, na mesma página, insere, com veemência, a percepção de que ente é “legítimo dentro de certos limites”, enquanto ser “é o conceito mais universal”. Ele ainda acrescenta que: “O ser dos entes não ‘é’ em si mesmo um outro ente” (HEIDEGGER, 2015, p. 41) assim como “Ser é sempre ser de um ente” (HEIDEGGER, 2015, p. 42). Desta forma, apresentar-se-ia entre ente e ser uma distinção autocontida, respectivamente, da finitude que apresenta para a infinitude apresentada e percebida.

Consoante as colocações explicitadas, importa subsumir que tanto os entes quanto os seres estão “em um mundo [...] igualmente ‘dentro’ do espaço ‘em’ um lugar.” (HEIDEGGER, 2015, p. 99) – ainda que o ente seja sem Mundo, seu ser coloca-o de maneira intramundana. Dessa forma, a partir do autor, concebem-se os entes e os seres imersos-constitutivos da geografia em uma dupla e relacional leitura, que compreende duas esferas conexas e diferenciáveis: entosfera e ontosfera. O Espaço dos entes é, então, finito em suas descrições, análises e perspectivas. Outrossim, o Espaço dos seres é visto como aberto, infinito e incomensurável. Nota-se, na analítica geográfica, que quanto mais se tende à objetividade, maior será a tendência a uma geografia ôntica, visando ao real da Terra e, ao se dispor mais permissa à subjetividade, haverá um direcionamento maior para uma geografia ontológica, dirigida ao Mundo.

Desde já, contempla-se Mundo com maiúscula enquanto ontologia da Terra, equiparado no mesmo status. Contudo, na orientação de Gadamer (2015), encontra-se uma distinção de Mundo (humano) e mundo circundante

(humano, animal e vegetal), havendo, inclusive, uma diferença, a partir de Lopes (2019), adentro do mundo circundante: o ser-no-mundo e o mundo-no-ser. Essa discussão, no detalhamento da ontosfera, as distinções serão mais bem trabalhadas adequando, entre a Terra e ao Mundo. As intrassuspenções.

Faz-se justo acrescentar, como enfatiza Ricœur (1968), que há sempre objetividade na subjetividade e subjetividade na objetividade. O autor cita, ao analisar a tarefa dos historiadores, mas também passível aos geógrafos, que “esperamos que a história seja uma história dos homens e que essa história dos homens ajude o leitor [...] a edificar uma subjetividade de alta categoria, a subjetividade não só de mim mesmo, mas do homem”. (RICŒUR, 1968, p. 24). Nisso, insere-se que, uma boa análise, compreendendo a subjetividade, enquadra-se em uma prática hermenêutica dos seres em entes, abertos às altas variações do existir, tanto do que for estudado quanto de si mesmo. Contudo, entremete-se, na pesquisa, a ideologia: “ela é movida pelo desejo de demonstrar que o grupo que a professa tem razão de ser o que é” (RICŒUR, 1977, p. 68), afirmação que não deve ser entendida como totalmente inválida e arrogante, pois, “a ideologia é sempre mais que um reflexo, na medida em que também é justificação e projeto”. (RICŒUR, 1977, p. 69). Assim, suspender o ser acarreta um horizonte que exige cautela, pois, não há margens visíveis. Desse modo, o mundo subjetivo espraia, enquanto o retido ente, no mundo objetivo, escoia.

Percebe-se, então, que uma geografia ontológica, que visiona a suspensão do ser, repercute ainda mais atenção, porém não com mais possibilidades que a geografia ôntica, que se debruça ao ente. Assim sendo, ao se analisar a esfera dos entes há uma constituição finita, totalizante em forma-conteúdo cinética, enquanto a esfera dos seres permite uma evasão dinâmica e fluida que perpassa a existência do ser: em si, para-com-os-outros e no-mundo (ao modo heideggeriano). Entende-se que a geografia existencial, em sua preocupação epistêmica, acomete a espacialidade de todos os entes, não somente os privilegiados pela existência, ou seja, os homens. Com mais assertividade, tem-se, paralelo à posição de Heidegger (2015) que ser é tempo, logo, ente é espaço. Dito isso, reitera-se, tensiona-se a distinção da geografia existencial enquanto possível análise de toda entidade geográfica, sendo a geografia existencialista aportada como o estudo da especificidade da existência humana na

espacialidade intramundana. Ambas as geografias associam-se, sendo não desconexas, mas mutuamente permeadas embora com orientações distintas.

Ainda, resta uma terceira colocação, a partir de que, “não há nada no céu e na Terra que não contenha em si o ser e o nada” (HEGEL apud SARTRE, 2015, p. 54), ou seja: ser é o que é, malgrado nada é o que não é. Seguindo a posição de Sartre (2015, p. 78), pontua-se que o nada “é transcendência na imanência”. Não obstante, distinta das outras esferas, acrescenta-se: “A realidade humana é o ser, enquanto, no seu ser e por seu ser, fundamento único do nada no coração do ser”. (SARTRE, 2015, p. 128). Em outras palavras, o nada é apenas percebido e concebido pelos seres humanos em um processo de identificar o que não é; ademais, para o autor, o próprio conhecimento se dá pela nadificação dos seres – posição presente no capítulo “O conhecimento” (SARTRE, 2015, p. 283). Desse modo, a esfera do nada é a negação de toda a esfera dos entes por meio dos seres: trata-se, pois, da nadosfera. Abre-se, primordialmente, para se pensar no não contemplado em cada recorte espacial da geografia. Tão infinito quanto o ser, é o nada, haja vista a impossibilidade em demarcar todo o horizonte de possíveis negações do ser.

Remontando, brevemente, à nadologia, tem-se, como primeiro expoente da discussão, segundo Parmênides (1989, p. 85), o nada como inexistência inapreensível: “que fora do ser o não-ser nada é, forçosamente admite que só uma coisa é, a saber o ser, e nenhuma outra”. Contudo, Górgias (1993, p. 75-76) admite ser, o nada, alguma coisa: “conclui-se que nada é” e, com isso, o nada “É” o próprio não-ser. Unindo-se a esse pensamento, há a posição de Platão (S/D, p. 246) na qual, “o ser, incontestavelmente, milhares e milhares de vezes não é, e os outros, seja individualmente, seja em sua totalidade, são sob múltiplas relações, e, sob múltiplas relações não são”, linha que será avançada a partir de Al-Fārābī (2011, p. 32) em que: “Em geral, a existência de contrários não é a não existência do outro contrário, mas em cada um dos contrários há não existência do outro contrário”. Essa última visão, mais moderna, é a ligação do nada enquanto fundamento de um ser e não do contrário correspondente: o nada está no ser. Chega-se, assim, ao nada enquanto passível de apreensão, enquanto negação contradita, mas de modo interno ao próprio ser. Essa é a visão de Sartre (2015) da ontologia fenomenológica que abarca a totalidade da

facticidade do Mundo contando o que é em conjunto do que não é. Perspectiva-se, pois, a noção sartreana para a nadosfera.

Adensa-se, enfim, a noção de geosfera. Citar-se-ão todas as categorias clássicas para, no decorrer do trabalho, evocá-las. Nota-se, convencionalmente, a biosfera – desenvolvida pelo geólogo austríaco Suess em 1875 (GUIMARÃES *et al*, 2013) – correspondendo à esfera da vida, sendo, com isso, constituída inclusive pela hidrosfera, esfera da água, atmosfera, esfera do ar e litosfera, esfera da terra (LEE *et* MACHADO, 2020) além da criosfera, esfera do gelo (GUIMARÃES *et al*, 2013). Acrescentam-se, inclusive, quanto às esferas do mundo humano, a psicofera, esfera das ações e a tecnosfera, esfera dos objetos técnicos (SANTOS, 2017). Acresce-se, também, a noosfera, esfera da razão, que se adentra na biosfera da geosfera (VERNADSKY, 2007) que, imersas na noosfera, encontram-se a logosfera, esfera das palavras e a semiosfera, esfera dos significados (MACHADO, 2013). Ressalvam-se a existência de muitas outras esferas que, de alguma forma, acoplar-se-ão na nadosfera ou na internalidade intrassuspensão da ontosfera, como a esfera econômica, política, social... Por exemplo, poder-se-ia pensar na heliosfera, mas, ainda que pela cromosfera dê cor ao Mundo, não possui a centralização na Terra, critério para a geosfera. Assim, no caso da heliosfera, encontra-se no nadosfera. Serão, pois, adentro da geosfera, as esferas a serem trabalhadas, nas categorias de ente, ser e nada.

Concebidas as colocações introdutórias, verifica-se que há uma amplitude imersa na geosfera que, por vezes, é subclassificada em outras esferas, sobretudo nos estudos climatológicos (da atmosfera), geomorfológicos (do geossistema) e geológicos (da litosfera). Longe de ambicionar substituir as classificações da geosfera, mas de formular um adensamento epistêmico das esferas, observar-se-ão, com mais atento, as três dimensões esféricas que contemplam a totalidade geosférica: entosfera, ontosfera e nadosfera. Percebe-se, pois, que enquanto esferas, centralizam-se na Terra (ente), mas que se suspende em Mundo (ser) e se suspende-nadificando em Universo (nada) – utiliza-se, aqui, a noção de universo proposta por Gadamer (2015), contendo o Mundo. Deste modo, verifica-se a formulação de três esferas sintético-analíticas, rumo à totalidade geográfica.

ENTOSFERA

Assim, a ciência geográfica é o estudo desse movimento do real pela perspectiva de sua têmporo-espacialidade. Tomada assim, tem o compromisso com o todo. Porque tem em mente a qualidade e as diferentes relações entre os entes. A composição múltipla das determinações estabelecidas nas relações fundantes do ser do ente.

(Araújo, 2020, p. 25)

A tessitura da imanência está ligada tanto à sua transcendência quanto à sua nadificação. A discussão acerca do ente necessita de orientações específicas, a começar por ele não ser-no-mundo, ou melhor, ele ser “sem mundo” (ARAÚJO, 2013, p. 52). Heidegger (2015, p. 79) expõe: “uma coisa é fazer um relatório narrativo sobre os entes, outra coisa é apreender o ente em seu ser”. A abordagem proposta no livro “Ser e Tempo” pauta-se – como explicita na primeira linha do primeiro capítulo – em um estudo específico: “O ente que temos a tarefa de analisar somos nós mesmos”. (HEIDEGGER, 2015, p. 85). Transportando para o âmbito geográfico, têm-se os entes, não somente o ente do ser humano imbuído no indicativo de experiência – dito, na literatura heideggeriana, *Dasein* – mas todos os entes participantes da geosfera, formando a entosfera. Além do homem, há clima, relevo, vegetação, hidrografia, os setores urbanos e agrários... contendo uma diversidade de entidades não humanas. Logo, a geografia existencial entosférica admite, na totalidade geográfica, um primeiro nível, a realidade geográfica. Contudo, quanto ao conhecimento, instrui Bernardes (1995, p. 250) que “a realidade não é um todo já acabado”. (BERNARDES, 1995, p. 250). Espera-se, até o fim do trabalho tatear epistemologicamente esse todo.

Os entes, constitutivos da realidade, são delicados, haja vista sua finitude; ainda que seu ser seja eterno, ele mesmo é efêmero. Aqui não se pode confundir com raridade, os entes preenchem inteiramente o Mundo – para Heidegger (2015) só existe mundo ao *Dasein*, concordante com a posição de Sartre (2015, p. 285) de que “O mundo é humano”. Segundo os conceitos heideggerianos, os “entes intramundanos” são a concretude da realidade do “mundo circundante”, eles se mostram e no “mostrar” são fenômenos em “manifestação”. A partir disso, a entosfera situa-se na coletividade dos entes, em seu mostrar, enquanto

fenômenos em sua espacialidade. Assim, perceber-se-á uma trama que acomete a Terra em seus fenômenos geográficos.

Asseverando que “a dimensão ôntica (tanto naquilo que concerne ao ente subsistente, quanto naquilo que diz respeito ao ente subsistente utilizável) é assumida na sua valência realista” (ARAÚJO, 2013, p. 56), a realidade, em sua materialidade (real-concreta), é a entosfera por excelência, na qual agem, especialmente, os fenômenos materializados. A realidade é entosférica, mas não é mundana, no entanto, com a percepção, torna-se ontosférica, que acresce o Mundo a partir da colocação dos seres. Nesse percalço, a entosfera fundamenta a realidade, enquanto a ontosfera realiza a mundanidade.

Ao se analisarem os entes em estudos geográficos, permite-se dizer que são postos em qualificações documentais, descritivas e quantitativas. Aqui está a geografia em sua mais extrema *grafia* da *gé*: as descrições empíricas e factuais são as que melhor conseguem captar o ente. Ainda que a visão de uma dada existência geográfica humana, um ser ontológico privilegiado, situe o ente em um Mundo, enquanto ente intramundano. O ente é ele mesmo enquanto é, e nada, e nem nunca, mais. O ente só se provê, como parte de uma totalidade, quando colocado em um Mundo – sem Mundo não há totalidade – haja vista não haver conjunto, ausente de individualidade, só possível por conta do *Dasein* que observa as manifestações dos entes intramundanos.

Duas dimensões podem ser exploradas: “ente é uma coisa que em si pode ser vista e analisada e outra, é o próprio ente em sua constituição”. (MARTINS, 2007, p. 35). Desse modo, ver, analisar e constituir são possibilidades de conhecerem-se os entes. Ao se enquadrar o ente em sua realidade, engendra-se que: “Nas diferentes escalas de relações, na espacialidade diferencial em que o ente se encontra localizado e posto em diferentes distribuições, a geograficidade é móvel”. (MARTINS, 2007, p. 42). Portanto, as escalaridades estão no plano da entosfera, ou seja, a realidade é escalar. A escala, assim, não necessita de Mundo. Ademais, colocada a geograficidade referida aos entes, entende-se com melhor distinção a posição de Dardel (2011, p. 1-2, grifo do autor) em que “uma relação concreta liga o homem à Terra, uma geograficidade (*géographicité*) do homem [...] questionando a geografia na perspectiva do próprio geógrafo ou, mais simplesmente, do homem interessado no mundo circundante”. Por

consequente, atenta-se que a geograficidade, envolvendo a existência, se permite tanto à Terra (ente) quanto ao Mundo (ser) através do mundo circundante.

Assim, os entes da entosfera ainda que “sem Mundo”, não são desprovidos de geograficidade, inclusive, nem de escalaridade. Uma floresta, um deserto, uma rede urbana, um dado produto circuitando no espaço produtivo... são entes providos de geograficidade, são entidades geográficas marcando, suspensamente, o modo de ser geográfico. A partir disso, nota-se que a biosfera, a noosfera, a litosfera, a hidrosfera, criosfera e a atmosfera partilham da entosfera na realidade sem Mundo que, mutável por si, encontra ainda mais movimento quando posicionada à ontosfera. Essas esferas, conquanto basilares da realidade, também possuem um ser – ademais, um modo de ser geográfico – que, intramundano, constitui a ontosfera.

Conclui-se, pois, que a realidade é geográfica e o geográfico é originalmente realidade no devir histórico e no porvir projetivo. Mesmo que ganhe vivacidade apenas quando justaposta à ontosfera – que será melhor trabalhada no próximo tópico – por hora, tem-se atenção à realidade, tessitura da entosfera, de uma geografia ôntica: real, espacial e escalar. Essa é a geografia da Terra, mas que não subsiste, devido aos humanos – planetários –, sem um Mundo. Perscrutar-se-á, pois, com mais atento, essa relação Terra-Mundo.

À construção constatada da entosfera como pragmática na finitude dos entes, nota-se que sem o Mundo há uma limitação evidente. Como exemplo, a geomorfologia, em sua descritividade para com o ente *geomorfo*, delimita, de maneira finita, a *morfo* da *gé* de modo a classificar e a definir. Contudo, constata-se que, com a evolução técnica do mundo, cada vez mais o ente, tão pragmático, modifica-se intramundaneamente. Se para Azevedo (1949), o centrogeométrico brasileiro era colocado como, principalmente, o Planalto Central – parte do “Planalto Brasileiro, sem dúvida, o mais importante sob todos os pontos de vista” (AZEVEDO, 1949, p. 43) –, tem-se que, após o projeto RADAMBRASIL, na década de 70, abastou-se uma grande quantidade de dados e que reverberam em um novo mapa geomorfológico feito por Ross (2014) que registra, na região do antigo Planalto Central, um “funil” que irradia da Planície do Rio Araguaia para um aclave na Depressão do Araguaia escarpando a encontrar os Planaltos e Chapadas da Bacia do Paraná, Planaltos e Chapadas da

Bacia do Paraíba e Planaltos e Chapadas do Parecis. Com a evolução técnica, o formato de um bolo virou um pudim. O ente *geomorfo*, em realidade, sempre se manteve praticamente o mesmo; a questão é intramundana, ou seja, quando se situou a ontosfera (o Mundo), houve uma mudança. O Mundo é maleável, moldável e mutável. Entretanto, o Mundo compete aos seres e não aos entes na realidade sem Mundo. Logo, o real e o Mundo são distintos, mas, nesse caso, percebe-se a mudança do real pela abertura do Mundo. A Terra (ente) é vista pelo Mundo (ser), que é imperativo às possibilidades de perspectiva, mas não é imponente.

Outro exemplo interessante é a demografia enquanto avaliação diversa de indicadores populacionais. A *grafia* da *demo* indica tabular e mapear uma “geografia da população” – como coloca George (1972, p. 76) – sendo que a realidade, ou seja, a entosfera, é muito mais dinâmica do que essa ciência consegue lidar. No censo demográfico, em um exemplo, buscando “apenas” saber a quantidade de humanos em dada região, os dados entosféricos desatualizam-se muito rápido conforme a natalidade e a mortalidade ocorrem. Assim, a leitura ôntica é inútil enquanto entosférica, mas os dados permitem compreender melhor o Mundo, saber sobre como o povoamento e a populosoidade consentem construir uma visão de Mundo na dada região, ainda que não seja necessariamente o comportamento real, pois, tão logo mesurado, o dado já não é mais a realidade, porém, tampouco é inválido. Então, um censo, embora busque compreender a entosfera, só consegue produzir análises com validade a partir da ontosfera, ou seja, da compreensão do modo de ser do ente demográfico analisado em um Mundo.

Faz-se importante assinalar que os dois exemplos situados elucidam duas facetas da entosfera para com a ontosfera. No primeiro caso, encontra-se um fenômeno (a *geomorfo*) que, na realidade, é pouco mutável em seus processos exógenos e endógenos (ROSS, 2014). Contudo, em poucas décadas, houve uma grande mudança na percepção do revelo brasileiro intramundano, entosférico, evidenciando um Mundo volátil conquanto em uma realidade com tendência à constância. No segundo exemplo, tem-se um fenômeno entosférico, de quantidade de população de um dado recorte espacial regional, que é no real inconstante, mas que, em uma leitura de Mundo, torna-se estável e factível de se

analisar, ou seja, um Mundo constante embora sob uma realidade volátil. Logo, ora a Terra se modifica pelo Mundo, malgrado também o Mundo se modifica pela Terra. Têm-se, portanto, um caso entosférico constante e ontosférico inconstante e outro, entosférico inconstante e ontosférico constante.

A entosfera, por fim, é a realidade dos fenômenos antes mesmo de se manifestarem e serem percebidos, embora permissivos de ser visados, analisados, constituídos, descritos, escalarizados e historicizados. Dessa forma, percebe-se que as entidades geográficas da esfera ôntica, com a ligação do Mundo, estão permeadas de objetividade e subjetividade. Liga-se, então a Terra com o Mundo e o Mundo com a Terra, nenhum passivo, somente, por vezes, constantes isoladamente ou mutuamente. Posto que seja possível uma leitura individualizada da entosfera, desprovida de Mundo, recomenda-se sempre ser aberta frente à ontosfera, ou seja, à sua situacionalidade na suspensão de um Mundo ontológico, ou seja, visar uma geografia ôntica sem a geografia ontológico constrange-se em uma concepção demasiado objetiva, carecendo a inviolável dimensão da subjetividade em que habita.

ONTOSFERA

*A Geografia passa a ser agora categoria da existência. Revela-se como fundamento ontológico da definição do ser de um ente.
(Martins, 2007, p. 40)*

Nesta proposição, contemplar-se-á “O ser dos entes que vêm ao encontro no mundo circundante” (BARRETO, 2008, p. 1). Essa esfera, como já dito, tem, como característica, sua infinitude. A esfera dos seres está suspendida na entosfera, inclusive, modificando-a. Abrir-se-á, portanto, a ontosfera. Por esse percurso, identificou-se que o ser modifica o ente e é modificado por ele, ainda, a abertura do Mundo é suspensão da Terra, contudo, nota-se entre ambos a intrassuspensão do mundo circundante. Dessa maneira, a realidade mundana pode ser modificada, até mesmo, de maneira intencional, principalmente pelos discursos ideológicos, filosóficos e científicos. Adentrando-se no conteúdo da ontosfera, permite-se sua regionalização em outras esferas que a constituem na intrassuspensão a partir do:

Ser determinado pela natureza exterior na ontosfera de seu existir situado, ser que determina e interioriza a natureza como

representação da logosfera do seu conhecer e ser que autodetermina na noosfera do seu agir livre enquanto sabe de si e de seu mundo são os momentos que revelam a estrutura de sua afetividade. (SALGADO, 2006, p. 20).

A princípio, situando a noosfera, tem-se que: “sob a ação do pensamento científico e do trabalho humano, a biosfera caminha para um novo estado – para a noosfera”. (VERDNADSKY, 2017, p. 162). Assim, o homem “deveria entender que ele não é um fenômeno natural agindo livremente, um acaso *independente do mundo circundante* – a biosfera ou a noosfera”. (VERDNADSKY, 2017, p. 162, grifo do autor). Desse modo, percebe-se que a noosfera está imersa na biosfera que, por sua vez, encontra-se na geosfera. Por conseguinte, essa esfera da razão, do pensamento humano, está conectada ao mundo circundante. Faz-se importante expor que, na acepção de Verdnadsky (2017), a noosfera inclui preceitos que tangem ao cientificismo, sendo considerada como o suprassumo da biosfera e do mundo circundante, mas este trabalho entende que a inegável relevância – por conter os seres que constroem o Mundo – da noosfera não a torna superior a nenhuma outra, apenas distinta.

Aprofundando ainda mais a noosfera, parte da ontosfera, entende-se como feita majoritariamente de humanos, em termo heideggeriano, dos seres privilegiados pelo indicativo de experiência *Dasein*. Nisso, como guia Gadamer (2015, p. 574, grifo do autor), explicita-se que “para o homem, elevar-se acima do mundo circundante significa *elevar-se ao mundo*, e não abandonar o mundo circundante”. O autor situa o mundo circundante também presente para a fauna e a flora, não recluso aos humanos, malgrado o mundo elevado seja próprio da humanidade. Integra-se a essa posição, inclusive, o fato de que os “animais não humanos também têm um sentido de território e lugar” (TUAN, 1983, p. 4). Aporta-se, pois, na ontosfera, a noosfera que, tecida pelo mundo circundante, corresponde à esfera do conjunto humano, animal e vegetal; torna-se, portanto, apenas parcialmente privilegiada, pois, justapõe no conjunto todas dimensões que compreendem o mundo circundante, ainda que, apenas os humanos configurem o Mundo.

Atenta-se, inclusive, que imersas na noosfera de racionalidade podem ser situadas as seguintes esferas, nos termos miltonianos: a tecnosfera e a psicofera (SANTOS, 2017). Compreende-se, porém, enquanto esferas típicas da

ontologia humana, que ao configurarem o mundo circundante, intencionam moldá-lo. Alerta-se que aos animais e vegetais não há o advento intencional, logo, ambas esferas são humanas. Assim, a intencionalidade age enquanto racionalidade das ações sobre os objetos da psicofera à tecnosfera. Portanto, a segunda produz a primeira. Dessa forma, constroem-se ainda mais facetas da ontosfera. Prosseguindo a discussão, tem-se, na gradação da ontosfera-biosfera-noosfera, o acréscimo da semiosfera e o da logosfera:

Nesse sentido, a emergência da consciência humana torna-se um dos estágios no desenvolvimento e refinamento da biosfera e de seus processos, reino da noosfera (do grego *noös* que significa mente). Quando Bakhtin se volta para pensar a logosfera construída em torno da palavra, ou, quando Lótman afirma a semiosfera como o espaço semiótico fora do qual a semiose não existe, ambos abrem um diálogo não apenas com Vernádski, mas com a consciência responsiva da mente no espaço cósmico da vida. (MACHADO, 2013, p. 150).

Notam-se, adentro da noosfera, a logosfera – esfera das palavras – e a semiosfera – a esfera dos significados – classificações analíticas. Com isso, realiza-se ainda mais aprofundamentos por dentro da geosfera, de tal forma que o mecanismo de transformação do Mundo torna-se cada vez mais evidente. Estabelecido que os seres nunca estão destituídos de Mundo, sendo o Mundo não parte do real, mas da ontosfera, percebe-se que os humanos, ao viverem (biosfera), traquitamam o mundo a partir da razão (noosfera), porém, com ainda mais adensamento, com a palavra (logosfera), com a técnica (tecnosfera), com o significado (semiosfera) e com as ações (psicofera).

Nesse passo, tão vasto é o mundo-no-ser tanto quanto são as possibilidades de ser-no-mundo (LOPES, 2019). A Terra intrassuspende-se tanto no mundo circundante (humano, animal e vegetal) – ser-no-mundo – quanto, além, suspende-se no Mundo (humano) – mundo-no-ser –; assim, a ontosfera se permite tanto aos seres em geral, quanto, na suspensão completa, ao ser humano confector do Mundo. Atenta-se, para evitar confusões, que a ontosfera, dos seres, é ontosfera da entosfera, dos entes. Como dito, todo ser é ser de um ente e ainda que a esfera ontológica situada supere, na transcendência, a imanência, não oblitera o fato de que a imanência exista e seja quem a realize, o transcendido. Por exemplo, na tecnosfera, não obstante, ser muito ligada à realidade objetiva, compreende-se a técnica como ser do ente

cujo modo de ser é técnico, tendo em conta que “a técnica constitui, assim, um tipo de descobrimento do ser” (CALÇAVARA, 2013, p. 113). Dessa forma, ressalta-se ainda mais a interligação da ontosfera e da entosfera, nunca abandonada.

A ontosfera, pois, está em constante transformação, pulsa pelos seres, sobretudo os humanos, readequando-se em uma entropia alimentada pela nadosfera. A entosfera, nesse contexto, torna-se o material de trabalho da ontosfera, mas que não perde sua autonomia, pelo fato de a ontosfera ser ditada através da realidade percebida. O homem, ao criar um Mundo acima do circundante, entra em conflito com real, contudo, acima ainda há algo mais voraz, ofuscando o ser, pelo não-ser: o Universo. Posfácio ao prelúdio da nadosfera, reitera-se que foram tratadas na ontosfera as suas intrassuspensões no Mundo: noosfera, logosfera, tecnosfera, semiosfera e psicofera. Carece, na esfera do nada, tratar-se da extrassuspensão do Mundo. Conclui-se que há infinitos mundos circundantes possíveis, mesmo que a Terra só seja uma, haja vista o Mundo conter mundos. Postula-se, portanto, que o Mundo é a ontologia da Terra, tão logo o Universo seja a nadologia do Mundo.

NADOSFERA

O nada, não sustentado pelo ser, dissipa-se enquanto nada, e recaímos no ser. O nada não pode se nadificar a não ser sobre um fundo de ser: se um nada pode existir, não é antes ou depois do ser, nem de modo geral, fora do ser, mas no bojo do ser, em seu coração, como um verme.

(Sartre, 2015, p. 64)

O nada, enquanto negação, ou seja, o que não é – ou melhor, que é o que não é e não é o que é –, permite ser a peça-chave para uma leitura completa da totalidade geográfica. Situar-se-á, essa proposição, conceitos como: “mundaneidade, *espacialidade* etc., que nada mais fazem do que expressar esse não ser” (SARTRE, 2015, p. 285, grifo nosso). Dessa maneira, infere-se que a nadificação possui agentes que, em seu modo de serem, explicitam o nada. O Espaço, que conteúda o mundo (HEIDEGGER, 2015), exerce a nadificação. O Mundo é resultado do que é nadificado, assim como o Espaço que nadifica as formas pelo que não as é. Ilustra-se, nas preocupações de Sartre (2015, p. 286),

que “esta mesa que aí está é ser e nada mais; este rochedo, esta árvore, essa paisagem: ser e, fora disso, nada. Quero captar este ser e não encontro senão eu mesmo”. A nadidade, pois, está em tudo, ver-se-á no desenvolvimento do pensamento nadológico haver mais nada do que ser.

Observa-se que os demais agentes que tecem a nadificação são explicitados na seguinte proposição: “ ‘Há’ ser porque sou negação do ser, e a mundanidade (*mondanité*), a espacialidade, a quantidade, a utensilidade, a temporalidade só vêm ao ser porque sou negação do ser” (SARTRE, 2015, p. 285). Dito isso, entende-se que o Universo, aqui situado enquanto arcação da nadosfera, está acima e penetrando no coração da ontosfera, nadificando-a. Na interligação entre o Mundo e o Universo como severamente unidos, tem-se, ademais, a seguinte constatação:

Observou-se muitas vezes que se todos os corpos do Universo viessem a se dilatar simultaneamente e na mesma proporção, não teríamos qualquer meio de perceber isso, já que todos os nossos instrumentos de medida aumentariam ao mesmo tempo que os próprios objetos que eles servem para medir. O mundo, após essa dilatação, seguiria seu curso, sem que nada viesse advertir-nos de um evento tão considerável. (POINCARÉ, 1995, p. 43).

A esfera do nada é a mais inconstante. Em uma geografia nadológica permite-se que, a partir dos entes e dos seres intencionados em um estudo, acoplem-se, na análise, todas as ausências e inexistências; aqui, os recortes espaciais e temporais nadificados são somados à síntese-analítica. Destarte, configura-se a abertura ao inconcebido, quer seja, por exemplo, uma geografia local, regional ou territorial. Assim, no além do estudado, no nada estudado, ruma-se sobretudo à interdisciplinaridade, e mais, permeando a transdisciplinaridade. Disso, a esfera do nada perfura tanto a geografia ontológica quanto, por meio dessa, a geografia ôntica. Seja em um estudo científico do existir de alguma entidade geográfica ou no próprio cotidiano da existência geográfica, invade-se o nada. O nada está em todas as observações. No campo de visão geográfica, o nada encontra-se no além do horizonte; noutro exemplo, em uma paisagem, o nada – não contemplado – que a cerca-perfurando é tão conexo com seu ser visado quanto são as próprias interligações existentes adentro dela. Destarte, no procedimento metodológico de recorte

espacial e temporal de um estudo geográfico, sempre haverá incompletude, tanto na esfera dos entes quanto na dos seres, por definição, por conta da esfera do nada. O Universo só pode ser alcançado ao se reconhecer que não se sabe e, a partir disso, buscar, pelo não-saber, o saber.

O nada situa-se contemplando, em uma contradição interna, o que o ser não é, tal como a nadosfera entranha-se no que a ontosfera não é. Entende-se, pois, a nadosfera enquanto suspensão da ontosfera, penetrando em seu bojo, a imanência da transcendência. Na relação sartreana do ser com o nada, torna-se e importante situar o ente com o nada, desta forma, atenta-se à carta aberta entre Heidegger e Takehiko Kojima, dimensionando que: “O nada é a questão que se refere, aquilo que, em respeito ao ente, não é nunca uma coisa existente, porém, ao Nada; mas, ao mesmo tempo, determina o ente como o que é, em consequência, denominado de Ser.” (HEIDEGGER; KOJIMA. *Ein Briefwechsel, Japan und Heidegger*, 1963, p.255 apud SAVIANI, 2004, p. 76). Dessa forma entendem-se as interligações, compreende-se a nadidade nadificante dos seres e dos entes; logo, a nadosfera (Universo), suspende a ontosfera (Mundo) de modo que interno a ela modifica a infinidade mundana e também é responsável por qualificar a entosfera (Terra).

No âmbito geográfico, tem-se a conclusão de que dizer “Espaço geográfico” – a partir de que Espaço é nada, afinal, “o espaço não poderia ser uma forma, porque é nada” (SARTRE, 2015, p. 247) –, nos conceitos sartreanos, permite-se adequar o ser da geografia pelo Espaço, para-si e o geográfico, em-si. Com isso, o Espaço geográfico é um em-si-para-si. A conclusão ontológica de que o Espaço geográfico (em-si-para-si) é uma construção contraditória. Por isso, opta-se, para evitar conflitos epistêmicos, em tomá-los como expressões separadas, designando diferentemente o “si” da própria geografia. Portanto, resta à geografia ser Espaço e geográfico.

À guisa de junção das categorias – ente, ser e nada –, torna-se necessário, na prospecção metodológica, em um estudo geográfico, um recorte espacial e temporal a fim de esclarecerem-se seus três horizontes existenciais. Para isso, devem-se considerar: a realidade do recorte da Terra (entosfera), sua inserção recortada no Mundo (ontosfera) e, ainda, atenta-se ao que está ausente ou inexistente nesse recorte do Universo (nadosfera). Essas três esferas,

especialmente pela nadosfera, permitem uma concepção da parte adentro do todo terreno, mundano e universal. Essa tríade, integrada, embora internamente diferenciável, alcança da parcialidade geográfica à totalidade geográfica, conforme se amplie o recorte rumo às suas inserções teóricas abraçando completamente as geosferas em sua posição existencial.

À busca de posicionar como a nadificação ocorre, para se compreender como da nadosfera tece a universalidade no Mundo, revela-se: “ao produzir-se a si como imanência, a consciência nadifica o nada que a faz existir para si como transcendência. [...] a explicação definitiva da negação só poderá ser dada com uma descrição da consciência (de) si e da temporalidade”. (SARTRE, 2015, p. 78-79). É-se, portanto, a consciência, a capacitadora da nadificação, ou melhor, a perceptora do nada circundante e do nada mundano. Em exemplo, pensa-se que o relevo da Terra, fora da noosfera, em sua *geomorfo*, age intramundano na ontosfera em seus processos que se dão pelo confronto entre o ser (da forma percebida) e da nadificação (contendo tudo que não é a forma) configurando o ente (a forma real) sendo que apenas a consciência intencional pode perceber isso.

Assim, a consciência de si (do mundo-no-ser) e do mundo circundante (de ser-no-mundo), enquanto se dimensiona em uma realidade, posiciona um nada ao Mundo que suspende da Terra que, por sua vez, é suspenso ao Universo. Considerado que “dizer que a consciência é histórica não é apenas dizer que existe algo como o tempo para ela, mas que ela é tempo” (LYOTARD, 1967, p. 96), entende-se que o tempo constrói o Mundo, mas é a partir do espaço, seu conteúdo, proveniente da Terra que pode vir a ser. O tempo é irrealizável, cabendo ao Espaço fazê-lo. Da consciência histórica, percebe-se, ademais, um caráter projetivo com o intento de que:

O homem tem consciência de si, isso o permite se compreender como ente separado das coisas. Esta separação é o nada. Procuramos, então, preencher o nada pelo pensamento e percepção, fazendo projeções para o futuro. Esta é a liberdade no sentido existencial. (PÁDUA, 2013, p. 27).

A consciência é histórica (em memórias) e projetiva (em intenções). Isso revela que a nadificação evocada do homem em sua consciência, encontra, pela liberdade, o projetar-se em suas intencionalidades que abrem o Mundo (rumo

ao projeto) da Terra (pelo histórico) e, pela nadidade do mundo-no-ser encontra-a no ser-no-mundo, visando, assim, o Universo (angústia). Conclui-se, portanto, que a consciência, em sua facticidade temporal, é histórica (passado) e projetiva (futuro) fazendo-se integralmente na presença (presente). Dessa maneira, no projeto, angustia-se e, do nada de si, vai-se rumo ao nada encontrado no Mundo, chegando ao Universo.

A nadosfera é o agente produzido pela consciência que admite adicionar elementos do ser que não foram situados, mudando a visão da Terra, do Mundo e do Universo. Tão logo, epistemologicamente, grada-se: Terra (ôntica), Mundo (ontológico) e Universo (ôntico-ontológico). Ainda, ente é espaço, ser é tempo e nada não é. À vista disso a entosfera, a ontosfera e a nadosfera unidas contemplam a totalidade geográfica e, em recortes, a parcialidade geográfica. Contenta-se, no construído, no que concernem às bases da geografia existencial. Deste modo, conferiu-se a possibilidade de uma metodologia em uma epistemologia integralmente destoante, ainda que sumária e insípida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou compreender as três categorias: entes, seres e nada; procurando situá-las no contexto da geosfera para arquitetar a parcialidade geográfica e a totalidade geográfica em: entosfera, ontosfera e nadosfera. No âmbito da totalidade geográfica, sintético-analítica pelas geoesferas, em uma geografia existencial, distingue-se da geografia existencialista, compreendendo o existir e não somente no enfoque da existência. Nisso, aprofundou-se internamente a tríade analiticamente em: entosfera, esfera dos entes, ontosfera, esfera dos seres e nadosfera, esfera do nada. Permeou-se, então, uma partição em geografia ôntica (da realidade), geografia ontológica (da mundanidade) e geografia nadológica (da nadidade). Essas três possibilidades, respectivamente, envolvem a Terra, o Mundo e o Universo.

A entosfera, por ser esfera dos entes, é a mais pragmática de se conceber isoladamente, haja vista fundamentar o real em seu modo de ser: realidade. Ela é finita, mensurável, visável, analisável, escalarizável, historicizável e mutável. Nessa geografia ôntica, situam-se, com ênfase, a biosfera, noosfera, litosfera, atmosfera, hidrosfera e criosfera. Na realidade entosfera, da Terra, sem Mundo,

abre-se no aparecimento para a percepção humana, suspendendo-se, assim, em Mundo. Disso, a ontologia da Terra é o Mundo, podendo ser dividido em etapas de intrassuspensão: mundo circundante (humano, animal e vegetal) – ao ser-no-mundo – e em Mundo (humano) – pelo mundo-no-ser.

Situa-se, então, a ontosfera, enquanto esfera dos seres, do Mundo, com seu modo de ser: mundanidade. Assim, a esfera dos entes está acoplada em um Mundo como entes intramundanos, concebendo, pela consideração do ser das entidades geográficas, a geografia ontológica. Disso, tem-se que há uma relação de mutabilidade tanto da ontosfera pela entosfera quanto da entosfera pela ontosfera, ou seja, a mutabilidade do real está condicionada pelo Mundo (quando recortado um real constante), assim como a mutabilidade do Mundo está condicionada pelo real (quando recortado um Mundo constante). Entende-se, ainda, a ontosfera acoplando a noosfera, no patamar do mundo circundante, que, por sua vez, contém a logosfera, tecnosfera, semiosfera e a psicofera. Na ontosfera, essas são as esferas intrassuspensão, abertas rumo à extrassuspensão pela nadosfera. Desta forma, tem-se que a ontosfera concebe o Mundo (ontológico) pelo ser (tempo) a partir da Terra (ôntica) pelo ente (Espaço); permite-se ainda pensar no Universo (ôntico-ontológico) a partir do nada no coração da junção ente e ser. Remete-se: o ente é Espaço, o ser é tempo e o nada não é.

Considerando, por fim, a nadosfera, enquanto esfera do nada, concebendo-se no âmago da ontosfera, tem-se seu modo de ser: nadidade. O nada advém da nadificação provido pela: mundanidade, espacialidade, quantidade, temporalidade... elaborações da consciência. Sendo tempo, a consciência é histórica e projetiva, respectivamente, pelas memórias e intenções; assim, a consciência do mundo circundante (ser-no-mundo) e do Mundo a partir de si (mundo-no-ser) corresponde às duas etapas de intrassuspensões no Mundo a partir da Terra. Com isso, pela angústia da abertura da liberdade nas intencionalidades das possibilidades de projeção, tem-se o encontro com o nada. Nisso, urge o Universo que, suspenso, perfura o Mundo e, por conseguinte, a Terra. Ainda, ao se compreender a geografia nadológica, há a possibilidade de uma constante revisão do Mundo no rumo de universalizá-lo. Por exemplo, nas pesquisas geográficas, percebe-se que em um

recorte espacial e temporal há uma carência de tudo que está além, daquilo que não é pesquisado; assim, sendo conexo o que não faz parte com a parte objetificada, estima-se que o não-ser completa o ser de um ente em uma totalidade sendo que, na interligação – da entosfera, nadosfera e ontosfera – atinge-se a totalidade geográfica.

Neste trabalho, visou-se abrir uma geografia existencial enquanto proposição epistemológica e metodológica. Entende-se que o estudo não se findou, almeja-se, outrossim, ao menos se ter preludiado. Desta forma, muitos caminhos ainda podem e devem ser perscrutados no que tange às ligações da geografia em suas entranhas filosóficas. Por vezes, de difícil leitura e apreensão, espera-se que pensar difícil, exigido no pensamento guiado pela filosofia, seja um estímulo e não um empecilho. Termina-se, sem mal começar, esse estudo que se sustenta para inspirar os corajosos.

REFERÊNCIAS

AL-FĀRĀBĪ. Respostas a questões sobre as quais foi indagado. *In*: ISKANDAR, Jamil. **Compreender A-Fārābī e Avicena**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011. cap. Textos de Al-Fārābī, p. 21-76.

ARAÚJO, P. A. A questão do ser em geral em *Ser e Tempo*, de Martin Heidegger. **Revista Ética e Filosofia Política**, [S. l.], v. II, n. XVI, p. 50-64, 2013.

AZEVEDO, A. E. O planalto brasileiro e o problema da classificação de suas formas de relevo. **Boletim Paulista de Geografia**, n. 2, p. 43-53, 1949.

BARRETO, J. V. O ser dos entes que vem ao encontro no mundo circundante; uma análise do parágrafo 15 de *ser e tempo* de Martin Heidegger. **Existência e Arte: Revista Eletrônica do Grupo PET**. São João del Rey, n. IV, 2008.

BERNARDES, J. A. Mudança técnica do espaço: uma proposta de investigação. *In*: CASTRO, I. E.; COSTA GOMES, P. C.; CORREA, R. L. **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro Bertrand, 1995, p. 239-269.

CALÇAVARA, R. A. O sentido da ontologia do espaço para a dissolução da dicotomia geografia física – geografia humana: estudo sobre o caso da geografia crítica brasileira a partir do pensamento de Martin Heidegger. 2013. 154 f. **Dissertação** (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013.

CHRISTOFOLETTI, A. C. **Geomorfologia**. São Paulo, Edgard Blücher, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.

- DARDEL, É. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- FERREIRA, R B. Geografia Existencialista: notas para uma fenomenologia da humanidade. **Raega – O Espaço Geográfico em Análise**, v. 29, p. 157-176, 2013.
- GADAMER, H. **Verdade e método I**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 2015.
- GEORGE, P. **Sociologia e geografia**. Rio de Janeiro: Cia. Editora Forense, 1969.
- GEORGE, P. **Os métodos da geografia**. São Paulo: Difel, 1972.
- GÓRGIAS. **Testemunhos e Fragmentos**. Trad. port. Manuel Barbosa e Inês de Ornellas e Castro. Lisboa: Edições Colibri, 1993.
- GUIMARÃES, R. B. *et al.* **Geografia**: coleção de temas de formação. São Paulo: Cultura Acadêmica: Universidade Estadual Paulista, v. 2, 2013.
- HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. 10^a. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.
- LEE, J. T.; MACHADO, J. **Geosfera**: Conceitos, Dinâmica e interatividade. Belém: [s. n.], 2020.
- LOPES, J. N. D. Complexo de Odisseu: uma geografia existencial do deslocar e do pertencer. São Paulo: **Boletim Paulista de Geografia**, nº. 102, dez. p. 48-62, 2019.
- LYOTARD, J. **A Fenomenologia**. 1^a. ed. Lisboa, Portugal: Edições 70, Trad. Mary Amazonas Leite de Barros, 1967.
- MACHADO, I. M. Concepção sistêmica do mundo: Vieses do círculo intelectual bakhtiniano e da escola semiótica da cultura. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 136-156, 2013.
- MARTINS, E. R. Geografia e ontologia: o fundamento geográfico do ser. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 21, p. 33-51, 2007.
- PÁDUA, L. C. T. A Geografia de Yi-Fu Tuan: Essências e Persistências. **Tese** (Doutorado) Universidade de São Paulo Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas Departamento de Geografia. São Paulo, 2013.
- PARMÊNIDES. Fragmentos: Sobre a Natureza. *In*: Os Pensadores. **Os pré-socráticos**: Fragmentos, doxografia e comentários. 4^a. ed. São Paulo: Nova Cultural. p. 87-91, 1989.
- PLATÃO. **Diálogos**: Fédon – Sofista – Político. Tradução de: Jorge Paleikat e João Cruz Costa. [S. l.]: Editora Tecnoprint S. A., Clássicos de Ouro, S/D.

POINCARÉ, H. **O Valor da Ciência**. Helena Franco Martins (Trad.). Rio de Janeiro: Contraponto, 1995.

RICŒUR, P. **História e verdade**. Trad. Rio de Janeiro: Forense, 1968.

RICŒUR, P. **Interpretação e ideologias**. Trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

ROSS, J. L. S. **Geografia do Brasil**. 6ª ed. 2ª reimp. São Paulo, SP: EDUSP, 2014.

SALGADO, J. C. **A Idéia de Justiça no Mundo Contemporâneo**. Belo Horizonte: Del Rey, 2006.

SAVIANI, C. **El oriente de Heidegger**. Barcelona: Herder Editorial, 2004.

SANTOS, M. A. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: EDUSP, 2017.

SARTRE, J. **O Ser e O Nada: ensaio de Ontologia Fenomenológica**. 24ª Ed. Trad. Paulo Perdição, Petrópolis: Vozes, 2015.

TUAN, Y. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira, São Paulo: Difel, 1983.

Recebido em 14 Abril de 2021
Aceito em 20 de Junho de 2021